

Manoel de Barros – a poética da natureza nas paisagens do Pantanal

Ivone da Silva Rebello¹

Eliana da Cunha Lopes²

1. Professora Doutora – Secretaria Estadual de Educação e Cultura do RJ – SEEDUC; [*ivonerebello@yahoo.com.br](mailto:ivonerebello@yahoo.com.br)

2. Professora Mestra – Faculdade Gama e Souza – FGS/RJ; elianalbatim@yahoo.com.br

Palavras Chave: *Manoel de Barros, paisagem pantaneira, crítica e interpretação.*

Introdução

A presença da natureza é uma constante na Literatura Brasileira, seja como motivo de exaltação à pátria ou religioso, seja como descrição de paisagens ou como motivo para expressar estados emocionais. Esta forte presença da natureza também se manifesta no poeta Manoel de Barros, cuja obra poética expressa uma visão muito intimista do ambiente natural, permeada pelo lirismo e pela afetividade, pelo sonho e pela imaginação. Assim, o objetivo desta pesquisa é estudar a poética da natureza nas poesias do escritor pantaneiro Manoel de Barros, no ano de seu centenário, cuja obra não só está fundamentada na sua experiência autobiográfica em sua terra natal, tema de sua poética, mas também imersa na sua experiência vivida em contato com a natureza do Pantanal. Nesta, o escritor recria em imagens poéticas a bela e complexa paisagem geográfica, animal e humana da região pantaneira. Trata-se, então, de um novo sentido dado à realidade do Pantanal, com a utilização de uma linguagem repleta de imagens metafóricas, de transgressão gramatical, de criação a fim de expressar o seu mundo natural. Isso nos remete ao pensamento de Paul Klee: *O artista é um ser humano, ele próprio é natureza, um pedaço de natureza dentro da natureza.* (Klee, 1923 apud Wick, 1989: 319). O *corpus* do nosso trabalho foi constituído pela obra poética do Autor, em especial, o *Livro de Pré-coisas – Roteiro para uma excursão poética no Pantanal* (1985). A abordagem da presença da natureza nos poemas analisados restringiu-se às características mais pertinentes ao conjunto do trabalho. Para a sustentação teórica à análise dos poemas, fez-se uso de algumas obras dos seguintes autores: Merleau-Ponty (2000); Thomas (1988); Bosi (1979); Hutcheon (1991); Diderot (1989); Carvalho (2005) dentre outros.

Resultados e Discussão

A obra do poeta Manuel de Barros estabelece um diálogo com o solo de sua região – o Pantanal. Chamado de “menino do mato” e “poeta da natureza”, Barros reflete em sua poética o chão que o originou, cantando em seus versos ou prosa-poética as belezas da paisagem pantaneira e sua cultura: *Que minhas palavras não caiam de louvamentos à exuberância do Pantanal. Que eu não descambe para o adjetival. (...) Quisera humanizar de mim as paisagens. Mas por que aceitei o desafio de glosar esta obra exuberante de Deus?* (Barros, 1999) Quando esteve longe de sua terra, no Rio de Janeiro, expressou sua saudade dizendo: *Na sala de espera do Palácio de Ingá tem uma pele de onça / Ai que saudades do Pantanal! (...)* (Barros, 1996: 71). Os poemas manoelinos nos apresentam as memórias das suas experiências vividas durante os seus primeiros oito anos no Pantanal, em comunhão íntima com a natureza, seu contato com a terra, cuja obra emana a voz do eu lírico que se desenrola num texto poético, no qual se desenha a realidade e a paisagem pantaneiras: *Pantanal é o lugar da minha*

infância. Recebi as primeiras percepções do mundo no Pantanal. Meu olhar viu primeiro as coisas do Pantanal. Minhas ouças ouviram primeiro os ruídos do mato. Meu olfato sentiu primeiro as emanações do campo. E assim com os outros sentidos. (Barros, 2006: 31). O poeta também nos convida a penetrar no Pantanal e vislumbrar os seus rios, cenários e personagens: *Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal. / Estamos por cima de uma pedra branca enorme que / O rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe. (...) / Parece uma gema de ovo o nosso por do sol do lado da Bahia. (...)* (Barros, 1985: 11). Ao adentrar pelas paisagens pantaneiras, Barros nos apresenta seu alter-ego, o personagem Bernardo da Mata, um pantaneiro. É ele que irá nos apresentar o universo do homem pantaneiro: *Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento. / Ele faz encurtamento de águas. (...)* (Barros, 2006: 10). Em sua obra, o poeta não usa a natureza a fim de representar sentimentos ou alguma moralidade humana, mas destaca as ações humanas para chegar ao modo de agir da natureza: *Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o verdor pumal das águas com as vozes civilizadas* (Barros, 2007: 11). *Sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. (...) Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. (...)* (Barros, 2007: 34). Enfim, Barros, pelo fato de se sentir vislumbrado pelas belezas do Pantanal, tenta transcrevê-las, por isso afirma: *Que eu possa cumprir esta tarefa sem que meu texto seja engolido pelo cenário.* (Barros, 1999)

Conclusões

Concluimos, portanto, que Manuel de Barros apresenta, em sua obra, um homem em contato simbiótico com a natureza, muito consciente de que ele também faz parte deste ambiente: *homens que atravessam períodos de árvore, / se prestam para a poesia; Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?* (Barros, 2015: 88). Em seus versos apresenta a natureza pantaneira como sendo o próprio agente da criação literária, transformada em versos: *Desde o começo do mundo água e chão se amam / e se entram amorosamente se fecundam* (Barros, 2015: 144). Observa-se que o espaço apresentado na poética manoelina é o Pantanal e este, acredita-se, é a “personagem” maior da obra do Poeta. Trata-se, portanto, de um Pantanal antropomorfizado, pois a natureza não se constitui como cenário idílico, mas se funde em espaço geográfico, onírico, inventivo, imaginário: *Meu quintal é maior do que o mundo; penso que tem nostalgia de mar estas garças pantaneiras. São viúvas de Xaraés?* (Barros, 2015: 66). Imerso a esta natureza, Barros alude ao homem pantaneiro, destacando traços característicos desta gente e de seu modo peculiar de ver o mundo: *O homem havia sido posto ali nos incícios para campear e hortar.* (Barros, 2015: 63) Em Barros, o Pantanal torna-se a própria metáfora da poesia.